

“UM HOMEM CÉLEBRE”: O OLHAR DE ANTONIO CANDIDO

Karime Bedin¹
Manoeli Cristina Hoffmann²
Rafaela Fernandes Caldeira³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Um homem célebre” de Machado de Assis, publicado em 1883 no periódico *A Estação*. A partir das considerações de críticos renomados como Antonio Candido e Alfredo Bosi, será observada a estrutura do conto, na qual todos os nuances da obra são considerados, desde os mais explícitos até os subentendidos. Observar a obra machadiana vai muito além de uma simples leitura, é necessário entender as entrelinhas, a intertextualidade e, por muitas vezes, haverá dúvidas que não serão sanadas, pois se fossem, as obras do autor perderiam parte de seu mistério.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Antonio Candido; Conto.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir da leitura de “Um homem célebre”, conto machadiano de grande reconhecimento, o presente trabalho almeja abordar todos os nuances de Machado de Assis existentes no decorrer do conto. Para isso, torna-se necessário uma abordagem detalhada, uma vez que a obra analisada – como outras do autor – possui uma riqueza de recursos que só serão percebidos com uma leitura minuciosa. Nesta abordagem, críticos como Antonio Candido e Alfredo Bosi foram tomados como base, na qual a percepção dos detalhes dos mesmos é considerável, particularidades estas que passariam despercebidas por leitores sem conhecimento das obras machadianas.

A obra de Machado de Assis é tão complexa que existem determinados questionamentos que jamais foram respondidos e, provavelmente, jamais serão. Estas obras machadianas não teriam sobrevivido por tantos anos e não teriam se tornado cânones se essas dúvidas tivessem sido sanadas. Observar os detalhes como a estrutura, a intertextualidade, as figuras de linguagem, entre outros aspectos da obra, é importantíssimo no ensino de literatura.

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: karimebedin@gmail.com.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: manuh_h@hotmail.com.

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: rafa.caldeiraa@gmail.com.

Porém, Machado de Assis, com sua genialidade, fez com que fosse impossível compreender minuciosamente a sua intenção ao inserir cada detalhe em determinadas sentenças ou palavras nas suas obras. Para tanto, cada trecho selecionado e analisado no conto “Um homem célebre” foi cuidadosamente observado.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis (Machado de Assis) (1839-1908), romancista, jornalista, contista, cronista, poeta e teatrólogo, é o fundador da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, ocupando por mais de dez anos a presidência da mesma, a qual atualmente nomeou-se “Casa de Machado de Assis”.

Bom amigo e admirador de José de Alencar, Machado estudou como pôde e, com 15 anos incompletos, publicou sua primeira obra literária, o soneto “À Ilma. Sra. D.PJ.A.”. A partir daí, as obras de Machado de Assis abrangeram quase todos os gêneros literários, fazendo com que o autor entrasse na grande fase das obras-primas, tornando-o o maior escritor das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

Atualmente, pode-se definir a importância de Machado de Assis como escritor para a literatura brasileira e também mundial. A obra machadiana continua atual, mesmo tendo sido publicada há mais de 100 (cem) anos, fazendo parte do presente e adquirindo status de arte.

Machado de Assis se tornou parte do cânone literário pelo fato de ter um olhar crítico para construir um retrato fidedigno dos problemas socioculturais que o Brasil enfrentava e que, de certa forma, ainda existem.

O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras, silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase-tudo. De todo modo, pulsa neste quase uma força de universalização que faz Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito oitocentos fluminense burguês. (BOSI, 2003, p. 11).

As obras de Machado se distinguem pela capacidade de olhar especialmente para as ocasiões rotineiras. Essa visão singular e crítica de olhar para a realidade dos indivíduos causou – e ainda causa – uma reflexão do que se julga ser correto ante a sociedade.

O olho crítico do escritor penetra o seu objeto e o transcende. A configuração local – no caso, a estreita esfera de burguesia fluminense – não teria sido representada como foi, com os seus limites e mazelas, se o olhar que a intuiu não houvesse sido trabalhado por valores que diferiam, em mais de um aspecto, dos reinantes naquele pequeno mundo observado. O olho que só reflete é espelho, mas o olhar que sonda e perscruta é foco de luz. O olhar não decalca passivamente, mas escolhe, recorta e julga as figuras da cena social mediante critérios que são culturais e morais, saturados portanto de memória e pensamento. A diferença entre o olhar-espelho e o olhar-foco é vital na formação da perspectiva. No primeiro, teríamos a narrativa como reflexo de uma realidade já formada e exterior à consciência. No segundo, temos a narrativa como processo expressivo, forma viva de intuições e lembranças que apreendem estados da alma provocados no narrador pela experiência do real. (BOSI, 2003, p.48).

O leitor, ao ler um conto de Machado de Assis, deve estar atento além do que está na redigido na superfície. É preciso buscar o detalhe que muda todo o contexto de uma frase. A reviravolta que acontece em suas obras faz com que o olhar do autor passe de “aparentemente conformista, ou convencional, a crítico” (BOSI, 2003, p. 54). Deste modo, abre-se portas para o mundo do não-dito, no qual escondem-se as maiores riquezas da literatura Machadiana.

O modo pelo qual o contista Machado representa a realidade traz consigo a sutileza em relação ao não-dito, que abre para as ambiguidades, em que vários sentidos dialogam entre si. Portanto, nos seus contos, paralelamente ao que acontece, há sempre o que parece estar acontecendo. E disto nunca chegamos a ter certeza. (GOTLIB, 2006, p. 78).

A palavra escondida em uma história do escritor fluminense tem poder e é tão impactante que sujeitam a uma mudança repentina na compreensão do texto no instante em que são reveladas pelo autor. No conto *Um Homem Célebre*, objeto de estudo neste artigo, a trama poderia ficar limitada a vida de um músico frustrado, porém, está muito além.

Machado de Assis auxiliou na definição e diferenciação da arte e artesanato através da crítica que fez à sociedade carioca, obcecada pela moda da época, a qual não dava o real valor à alta cultura, através do dilema vivido pelo personagem Pestana.

3. LEITURAS DO CONTO

O conto *Um Homem Célebre* foi publicado inicialmente no periódico *A Estação*, em 1883, e posteriormente lançado como parte do livro *Várias Histórias*, em 1896. Este conto descreve a vida de um compositor de polcas, Pestana, que tem reconhecimento popular de suas músicas, porém é assombrado pela sua incapacidade de atingir seu sonho: compor

músicas clássicas, assim como Beethoven e Mozart. As composições de Pestana são transitórias, conforme com o que está em voga no momento, o que o torna reconhecido perenemente e não para toda a eternidade, característica comum às obras de arte.

Pestana deseja alcançar o título de imortal através da composição de uma sonata ou réquiem, o que não acontece, restando a pergunta feita pelo personagem a si mesmo ao longo da obra e também para quem a lê: “Por que não faria ele uma só que fosse daquelas páginas imortais?” (Assis, 1986, p.499). Ao escolher palavras e ironias que amarram a narrativa, Machado de Assis dá pistas que levam o leitor a resolver o mistério: Pestana não é artista, mas sim um mero produtor/reprodutor, ou seja, ele faz artesanato e não arte.

Este conto da segunda fase da literatura Machadiana tem como traço o pessimismo. Tal característica é utilizada para representar uma sociedade corrompida. Deste modo, pode-se partir do pressuposto de que o personagem principal, ao contrário dos grandes heróis literários, nunca alcançará seu objetivo.

No início do conto, Pestana está na festa da viúva Camargo e sente-se desconfortável devido à admiração que as pessoas manifestam pelo famoso compositor de polcas. A posição de Pestana frente a sua posição social e a forma como ele é visto pela sociedade ficam explícitos quando Machado de Assis descreve-o atendendo ao pedido do público que é tocar seu último sucesso, *Não Bula Comigo, Nhonhô*:

Pestana fez uma careta, mas dissimulou depressa, inclinou-se calado, sem gentileza, e foi para o piano, sem entusiasmo. Ouvidos os primeiros compassos, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda. Da moda; tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto da cidade em que não fosse conhecida. Ia chegando à consagração do assobio e da cantarola noturna. (ASSIS, 1986, p. 497).

Pestana reconhece que suas obras não chegam perto dos clássicos. Os retratos que ostenta em casa como objetos de consagração, representam os bens simbólicos que não consegue criar:

Os demais retratos eram de compositores clássicos, Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Schumann, e ainda uns três, alguns, gravados, outros litografados, todos mal encaixilhados e de diferente tamanho, mas postos ali como santos de uma igreja. O piano era o altar; o evangelho da noite lá estava aberto: era uma sonata de Beethoven. (ASSIS, 1986, p. 498).

Essas representações sagradas que Machado de Assis utiliza, alçam nomes como Bach e Schumann para o posto de importais da música. Eles são a inspiração de Pestana, o qual

sonha em um ser como um daqueles retratos presos à sua parede. Para isso, ele tem que fazer composições à categoria de objeto sagrado, distante da classe popular.

O modo de composição feita pelo personagem principal é diferente do que é feito na construção de um feito artístico. Ao tentar compor uma obra própria, distante das polcas, Pestana frustra-se, uma vez que seu lado mecânico salta aos olhos:

Veio o café; Pestana engoliu a primeira xícara, e sentou-se ao piano. Olhou para o retrato de Beethoven, e começou a executar a sonata, sem saber de si, desvairado ou absorto, mas com grande perfeição. Repetiu a peça, depois parou alguns instantes, levantou-se e foi a uma das janelas. Tornou ao piano; era a vez de Mozart, pegou de um trecho, e executou-o do mesmo modo, com a alma alhures. Haydn levou-o à meia-noite e à segunda xícara de café. (ASSIS, 1986, p. 498)

Mesmo tocando de forma impecável, o compositor apenas reproduz o conteúdo daqueles que idolatra. Não consegue produzir como tal, apenas reproduz. Executa a peça de Beethoven passando para Mozart. Ele tem a técnica desenvolvida, mas sua alma está distante da música, em outro patamar, pois ali ela não pertence. Tamanha é a obsessão do homem célebre pela música clássica que ele acaba se enquadrando em uma “corrente de repetidores” (BOSI, 1986, p.23):

Às vezes, como que ia surgir das profundezas do inconsciente uma aurora de ideia: ele corria ao piano para aventá-la inteira, traduzi-la, em sons, mas era em vão: a ideia esvaía-se. Outras vezes, sentado, ao piano, deixava os dedos correrem, à ventura, a ver se as fantasias brotavam deles, como dos de Mozart: mas nada, nada, a inspiração não vinha, a imaginação deixava-se estar dormindo. Se acaso uma ideia aparecia, definida e bela, era eco apenas de alguma peça alheia, que a memória repetia, e que ele supunha inventar. Então, irritado, erguia-se, jurava abandonar a arte, ir plantar café ou puxar carroça: mas daí a dez minutos, ei-lo outra vez, com os olhos em Mozart, a imitá-lo ao piano. (ASSIS, 1986, p. 499).

Por conhecer a estrutura da música clássica, Pestana acredita que utilizando as fórmulas certas conseguirá compor uma obra eternamente consagrada. Este pensamento transforma-o em um epígono, um ser que usa, de forma compulsiva, as técnicas desenvolvidas anteriormente e que foram reconhecidas por sua excelência. Contudo, essa relação não leva a concepção de uma obra de arte porque entre o original e a cópia “a variação é mínima e a constante é máxima” (BOSI, 1986, p.23).

Apesar de compor uma produção genuína, o compositor não pode ser considerado um artista, mas sim um artesão da música. Machado de Assis escolhe palavras para descrever a nova invenção acrescentando o sentido inferior que continua acontecendo nas polcas de Pestana. A conexão que as composições feitas pelo homem célebre têm com o comércio não

consente que ele seja o dono de suas próprias obras. Desta forma apreço no conto, o editor como figura importante, aquele que controla a produção de polcas, assim como um funcionário sentinela a produtividade de uma fábrica:

Veio a questão do título. Pestana, quando compôs a primeira polca, em 1871, quis dar-lhe um título poético, escolheu este: Pingos de Sol. O editor abanou a cabeça, e disse-lhe que os títulos deviam ser, já de si, destinados à popularidade, ou por alusão a algum sucesso do dia, — ou pela graça das palavras; indicou-lhe dois: A Lei de 28 de Setembro, ou Candongas Não Fazem Festa. (ASSIS, 1986, p. 499).

Um título sem significado e sentido relacionado a música reforça a mediocridade que tem nos produtos feitos para a consumação em massa. No início Pestana resiste, tenta não fazer parte das engrenagens da indústria cultural popular, pois sabe que para ser produtor de uma obra de arte sagrada é preciso valorizar a mesma para que ela possa transcender para o escalão de um símbolo único:

Pestana, ainda donzel inédito, recusou qualquer das denominações e guardou a polca, mas não tardou que compusesse outra, e a comichão da publicidade levou-o a imprimir as duas, com os títulos que ao editor parecessem mais atraentes ou apropriados. Assim se regulou pelo tempo adiante. (ASSIS, 1986, p. 500).

Entretanto, o atrativo mercado do artesanato se sobrepõe às ambições de Pestana, pois para o artesanato bem feito, a resposta do público é imediata, uma vez que a cultura popular se alimenta da novidade.

Depois de inúmeras tentativas, o compositor percebe que seu desejo de ser um compositor clássico não basta para realizá-lo. Para tentar preencher essa lacuna, se casa com uma “boa cantora e tísica” (ASSIS, 1986, p.501) e decide compor um noturno. Porém, resultado apenas lembrou que o papel de Pestana na música clássica é de um mero e obcecado reproduzidor:

Desde logo, para comemorar o consórcio, teve ideia de compor um noturno. Chamarlhe-ia Ave, Maria. A felicidade como que lhe trouxe um princípio de inspiração; não querendo dizer nada à mulher, antes de pronto, trabalhava às escondidas; cousa difícil porque Maria, que amava igualmente a arte, vinha tocar com ele, ou ouvi-lo somente, horas e horas, na sala dos retratos. Chegaram a fazer alguns concertos semanais, com três artistas, amigos do Pestana. Um domingo, porém, não se pôde ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do noturno; não lhe disse o que era nem de quem era. De repente, parando, interrogou-a com os olhos. — Acaba, disse Maria, não é Chopin? Pestana empalideceu, fitou os olhos no ar, repetiu um ou dois trechos e ergueu-se. Maria assentou-se ao piano, e, depois de algum esforço de memória, executou a peça de Chopin. A ideia, o motivo eram os mesmos;

Pestana achava-os em algum daqueles becos escuros da memória, velha cidade de traições. Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se para o lado da ponte, caminho de S. Cristóvão. (ASSIS, 1986, p. 502).

Acompanhada da decepção vem a verdade e o personagem se vê na situação de artesão da música popular, chegando a conclusão de que ele poderia ser um artista grandioso como aqueles emoldurados nos quadros pendurados nas paredes de sua casa: “- Para que lutar? Dizia ele. Vou com as polcas... Viva a polca!” (ASSIS, 1986, p.502).

Após perder a sua esposa, o compositor a vê o como uma aura etérea capaz de trazer inspirações para o artista e então sua esperança ressurgue, pois era isso que precisava para atingir sua vocação para a música Clássica. Para provar tamanha aptidão, decide escrever um réquiem:

Começou a obra; empregou tudo, arrojo, paciência, meditação, e até os caprichos do acaso, como fizera outrora, imitando Mozart. Releu e estudou o Requiem deste autor. Passaram-se semanas e meses. A obra, célere a princípio, afrouxou o andar. Pestana tinha altos e baixos. Ora achava-a incompleta. Não lhe sentia a alma sacra, nem ideia, nem inspiração, nem método; ora elevava-se-lhe o coração e trabalhava com vigor. Oito meses, nove, dez, onze, e o Requiem não estava concluído. Redobrou de esforços, esqueceu lições e amizades. Tinha refeito muitas vezes a obra; mas agora queria concluí-la, fosse como fosse. Quinze dias, oito, cinco... A aurora do aniversário veio achá-lo trabalhando. (ASSIS, 1986, p. 503).

Mesmo querendo e tentando, Pestana não conseguira deixar de lado suas técnicas vulgares de reprodução. Após ser derrotado pela segunda vez, ele acaba perdendo a sua motivação, e em pouco tempo, ele é quem fica mais próximo a morte, tanto artística quanto física.

Debilitado pelo próprio fracasso e por febre repentina, o homem célebre encontra o fim pelo qual não sonhava, morrendo sem ter dado vida ao bem simbólico que o tornaria eterno, caindo no esquecimento, como se espera de um conto pessimista de Machado de Assis, com o discurso final de Pestana:

– Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faça-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberais. (ASSIS, 1986, p. 504).

Diante dessas palavras acompanhamos o fim do artista que pode ter se mantido escondido dentro de Pestana. Por outro lado, presenciamos a entrega de um homem que tinha valores culturais superiores, mas que se deixa dominar pelos apelos da sociedade mascarada que Machado de Assis tanto abominava.

Desta forma, podemos captar na obra *Um Homem Célebre* uma distinção entre a arte e o artesanato, no qual a arte é cada vez mais rara e o artesanato é um mero produto que gera lucro e divertimento passageiro para uma população consumista e sem grandes valores culturais.

Ainda do que se refere ao conto *Um Homem Célebre*, assim como em diversas obras de Machado de Assis, o autor sofre críticas a respeito da sua escrita. Por serem consideradas obras que se remetem a personalidades de personagens, os críticos indagaram a questão como algo negativo em seus trabalhos, pois, causam reversibilidade nas interpretações dos leitores assim como afirma Candido (1977) “a preocupação excessiva de buscar na vida do autor apoio para o que aparece na obra ou, vice-versa, utilizar a obra para esclarecer a vida e a personalidade” (CANDIDO, 1977, p.20).

Diante disso, o autor sofre críticas negativas, pois se acredita que Machado utiliza-se de sua própria vida para produzir uma obra e não de uma ficção, haja vista que contos e romances baseiam-se em histórias ficcionais. Para tanto, indaga-se se as suas obras são contos, romances ou autobiografias.

Porém, Machado de Assis ao ter uma escrita além de formal, era considerada também anormal aos olhos dos críticos. Para que pudesse entender o que as obras tinham a dizer, o leitor deveria fazer a leitura de forma minuciosa e atenta, pois, a escrita do autor não falava por si só, era — e ainda é — necessário ir além das palavras, assim como argumentou Candido (1977) em esquema de Machado de Assis:

[...] a noção de que era preciso ler Machado, não aos olhos convencionais, não com argúcia acadêmica, mas com senso do desproporcionado e mesmo anormal; daquilo que parece raro em nós à luz da psicologia de superfície (CANDIDO, 1977, p.20).

A crítica referente à escrita de Assis trouxe para suas obras pontos positivos a cerca dos recursos que seus contos e romances exprimem, pois, além de necessitar de um vocabulário formal é preciso buscar além das palavras nas obras para tentar entender o mais íntimo e complexo explicações que seus trabalhos permitem. Assim como argumenta Candido (1977) “a partir dessa matriz formal, que se poderia chamar o “tom machadiano”, é que podemos compreender a profundidade e a complexidade duma obra lúcida e desencadeada, que esconde as suas riquezas mais profundas” (CANDIDO, 1977, p.22).

Assim, Machado de Assis segundo os críticos, busca sempre estabelecer relações entre as normalidades sociais e anormalidades da vida cotidianas, fazendo com que as ações

anormais se tornem comuns enquanto o normal seja atípico. E isso faz com que Machado de Assis torne-se um escritor moderno e original.

No que se refere à originalidade nas obras de Machado de Assis, Candido argumenta que foram aceitas em um processo lento de estudos minuciosos entre os críticos. Em especial no conto *Um Homem Célebre* a partir de uma análise feita por Lúcia Miguel Pereira - o tema da perfeição, a aspiração ao ato completo, à obra total, que encontramos em diversos contos e sobretudo num dos mais belos e pungentes que escreveu: “Um homem célebre” (PEREIRA apud CANDIDO, 1977, p.27).

Essas obsessões de Assis em colocar no conto a busca pela perfeição assim como o personagem Pestana almeja em querer compor algo de nível maior que as simples polcas que ele compunha, de forma que as deixa insatisfeito, faz com que a sua obra se torne original por ser uma ideia que só Assis obtinha em suas obras. Desta forma é visível que o autor se tornou prestigiado em seus grandes trabalhos, estabelecendo relações entre o comum e incomum da vida existencial, fazendo com que o leitor se aproxime da realidade através da fantasia colocada por Machado de Assis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A genialidade de Machado de Assis é inegável, dizer que ele é um simples autor, é minimizar suas grandiosas obras. Pode-se dizer que a busca incansável pela perfeição fez com que a mesma fosse alcançada ou, pelo menos, quase alcançada, uma vez que após mais de cem anos, as obras continuam sendo lidas e admiradas. O conto analisado neste trabalho mostra a busca pela perfeição em relação à riqueza dos detalhes, a maneira como Machado expressa a insatisfação do personagem com sua vida profissional, toca ao leitor, sendo possível sentir a frustração de Pestana. A literatura tem por objetivo fazer com que o leitor sinta a história, que possa ser mudado por ela, que haja um estranhamento ou aceitação sobre a narrativa. Desta forma, tanto no conto, como em tantas outras obras, este objetivo será alcançado, dificilmente haverá uma obra de Machado de Assis que não transmitirá ao leitor, ao menos uma de suas finalidades.

5. REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 2 v.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: ---. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.